

“O NEGRO, ASSIM, É GENTE, HUMANO...” - NARRATIVAS SOBRE O NEGRO E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL PRODUZIDAS NUMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.

Rosália Marisa de Mello¹

Resumo: O presente trabalho busca analisar as narrativas produzidas na experiência pedagógica realizada durante o ano de 2005, na disciplina de matemática, em uma turma de 6ª série da rede municipal de Campo Bom. As atividades realizadas com os alunos enfocaram a análise e a discussão de filmes, reportagens e pesquisas em relação ao negro e a discriminação racial. As narrativas, que foram produzidas nesse trabalho, foram examinadas e analisadas a partir das teorizações contemporâneas do currículo e dos campos teóricos da Etnomatemática e dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Educação – Etnomatemática – Negro e Discriminação Racial

O trabalho é resultado da minha dissertação de mestrado que teve como propósito analisar narrativas sobre o negro e a discriminação racial produzidas em uma experiência pedagógica de educação matemática realizada com alunos da 6ª série do Ensino Fundamental da Escola Presidente Vargas, situada no bairro Operário, no município de Campo Bom, estado do Rio Grande do Sul. A produção do material de pesquisa, assim como sua análise, foi feita tendo como suporte as teorizações sobre currículo e os aportes dos campos da Etnomatemática e dos Estudos Culturais examinados a partir de uma perspectiva alinhada ao pensamento pós-moderno.

Nesse sentido, examinar a matemática escolar em uma perspectiva cultural, diferente do que é tratada usualmente, não foi algo trivial para mim. Gradativamente, fui me apropriando das idéias oriundas da Etnomatemática e dos Estudos Culturais, que me deram ferramentas para assumir essa perspectiva. Pude compreender que a Etnomatemática analisa questões sobre a invisibilidade no currículo escolar das culturas dos grupos não hegemônicos e isso me levou a buscar a problematização da matemática escolar marcada pela assepsia de tudo aquilo que pode “contaminá-la”, trazendo questões culturais para serem problematizadas nas aulas de matemática.

¹ Professora graduada em Licenciatura de Matemática e Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, atuando na rede municipal de Campo Bom como coordenadora pedagógica. Email: rosaliamedello@terra.com.br

Com isso, estive interessada em fazer dessas aulas um espaço que possibilitasse a entrada, no currículo escolar, dessas questões que acabam por ficar do lado de fora da escola.

Nesse sentido, a Etnomatemática e os Estudos Culturais colocam em xeque as concepções elitistas e edificadas sobre cultura, pois são essas concepções que acabam por constituir as narrativas presentes no currículo escolar e na sociedade em relação ao saber matemático e aos marcadores culturais como raça/etnia. Assim, apoiada nestes campos teóricos e nestas teorizações sobre o currículo, busquei escutar meus alunos sobre o negro e a discriminação racial e, nesse processo, foi possível fazer pequenas rupturas nas práticas usuais das aulas de matemática. A todo o momento vi-me desafiada a problematizar e compreender o que estava realizando com os estudantes, de modo a tornar o trabalho pedagógico uma experiência, no sentido dado por Jorge Larrosa (2004). Para o autor, experiência “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca” (IBIDEM, p.116).

Desse modo, tornar o trabalho pedagógico uma experiência pedagógica, no sentido de Larrosa, fez com que a todo o momento problematizasse o jogo de posições entre a professora e a pesquisadora. Eu, como professora, comecei a perceber a discriminação racial presente em diferentes circunstâncias na escola e fora dela. Preocupada com essa situação, busquei desenvolver uma prática que pudesse mudar a forma de agir de meus alunos. Desse modo, a pesquisadora, que buscava ouvir e analisar as narrativas presentes na sala de aula sobre o negro, acabou, muitas e muitas vezes, por se colocar em outra posição. A vontade de educar meus alunos para não serem racistas fez com que, ao propor as atividades, estivesse sempre com a intenção de tratar e discutir sobre a discriminação. Meus alunos também estavam motivados para essa discussão em torno da discriminação racial envolvendo o negro. Desse modo, percebo que quando a pesquisadora buscava narrativas sobre o negro vinham junto as narrativas sobre a discriminação, pois eu, como professora, estava de fato interessada nelas, apesar de ter explicado para os alunos que a pesquisa envolveria questões sobre o negro.

Iniciei o trabalho pedagógico com a exibição do filme “Duelo de Titãs” produzido pela Disney, lançado em 2000, nos Estados Unidos, tendo duração de 113 minutos. Decidi pôr um filme para desencadear o trabalho pedagógico não com o intuito de ser uma atividade de motivação e sim porque esse filme trata de um tema que já estava presente nas discussões informais dos estudantes: a discriminação racial. Desse modo, considerei o filme como importante artefato a ser trazido para a sala de aula, pois os Estudos Culturais têm mostrado como

“somos interpelados/as diariamente pela mídia, pela Internet, pelos diferentes artefatos culturais que produzem significados e são significados culturalmente por nós” (FABRÍS, 2002, p.121). Nesse sentido, o filme propiciou que os estudantes falassem sobre as questões que estavam interessados em pesquisar.

Como pesquisadora, estava interessada nas discussões sobre os significados produzidos pelo filme em relação ao negro e à discriminação racial. No entanto, a discussão feita, posteriormente, sobre o filme foi, muitas vezes, conduzida pela professora. Eu, como professora, queria, sobretudo, que meus alunos percebessem o quanto a discriminação racial era ruim e que o racismo que era retratado no filme também se fazia presente na nossa escola.

O direcionamento dessa atividade, assim como de todas as demais, foi se dando no processo. No entanto, a seleção e a orientação dada ao trabalho pedagógico estiveram sempre marcadas pela intencionalidade da pesquisa que estava realizando. Ciente disso, organizei os alunos em pequenos grupos e distribuí reportagens de jornais que relatavam o episódio ocorrido com o jogador de futebol Grafite, agredido com insultos por ser negro durante um jogo, e o episódio da visita do presidente Lula a países do continente Africano. Os estudantes leram o material que receberam e organizaram uma apresentação na qual relataram o que haviam lido e expuseram suas opiniões sobre o assunto. Eu, como professora, tentei organizá-los, orientá-los sobre como se apresentava um trabalho em grupo, ao mesmo tempo em que os incitava a debater sobre o que haviam lido. A pesquisadora estava atenta às narrativas que emergiam dessa atividade, anotando as reações e gravando tudo em fita cassete para ser transcrito e analisado posteriormente. Entretanto, a professora também se fazia presente, com seus propósitos de educar os alunos.

Após a apresentação e discussão falei que seria realizada uma pesquisa através da internet sobre o negro. Foi uma experiência muito interessante, tanto para mim quanto para os alunos. Cada um teve que pesquisar e escolher um texto que falasse sobre o negro, sendo alguns impressos no mesmo dia e outros posteriormente. Alguns alunos, que já estavam com seu texto impresso, começaram a falar do porquê de tê-lo escolhido. Um aluno disse:

Escolhi esse porque fala de como é difícil o negro arrumar trabalho. É que lá perto de casa tem uma família que tem só negro e eles não conseguem emprego. E tem um vizinho que diz que eles são tudo vagabundo. Vou mostrar o texto prá ele, pra mostrar que tem é racismo contra os negros, por isso é difícil arrumar trabalho.

Nesse momento, vi que era importante permitir que aqueles que tivessem impresso o texto levassem-no para casa. Uma aluna disse:

Sora, não sabia que tinha tanta coisa sobre o negro. Pensei que só ia achar coisas da escravidão, mas tem um monte. Foi difícil escolher um.

Nas falas dos alunos pude perceber como uma discussão, na qual eles expressam suas opiniões contando episódios que vivenciaram, pode contribuir para a reflexão sobre questões culturais e sociais. A aluna não pensava que havia “*tanta coisa sobre o negro*” porque, talvez, o que a marcou, em seu processo de escolarização, em relação ao negro foi que ele era escravo ou fatos envolvendo a escravidão. De acordo com Nilma Gomes (1995, p. 58), a disciplina de História, ao abordar com os estudantes sobre a questão racial, “apresenta o negro somente como escravo”. Fazer com que, no processo pedagógico que estávamos realizando, os estudantes expressassem seus modos de significar a cultura afro-descendente, a história do negro no Brasil e as questões sociais e políticas envolvendo o negro, além de produzir material para a pesquisa, possivelmente criou algumas rupturas no que constituiu, usualmente, o currículo escolar.

Na segunda visita, os grupos puderam “navegar” por mais tempo, pois já sabiam várias coisas sobre como operar com o computador e a internet. Dessa vez, como havia problemas com a impressora, a professora de informática do laboratório envio-me, através de e-mail, os textos escolhidos pelos alunos. Os estudantes pesquisaram na internet sobre várias questões envolvendo o negro, mas a maioria pesquisou sobre a discriminação racial, talvez porque depois de tudo que discutimos em aula sobre o filme e sobre as reportagens, estavam envolvidos nessas questões. Assim, para decidir como organizariam o trabalho com esses textos, tive que imprimi-los e analisá-los.

No intervalo de tempo em que estava elaborando o que faria com esse material, propus aos alunos que realizassem uma pesquisa na comunidade sobre o que estávamos discutindo nas aulas de matemática. Ao propor essa atividade, a pesquisadora via a possibilidade de narrativas sobre o negro e a discriminação racial serem produzidas, ao mesmo tempo em que a professora estava preocupada em trabalhar conteúdos matemáticos, pois não conseguia abrir mão de sua “aula de matemática”. Também ao examinar os textos, pensava em propor atividades que propiciassem a produção de material de pesquisa. Contudo, tinha presente que, como professora, era preciso trabalhar algo “matemático”.

Os alunos reuniram-se em grupos e elaboraram 5 questões a fim de realizarem a pesquisa na comunidade durante as férias do mês de julho. No retorno às aulas, estavam de posse das respostas dadas pelos entrevistados. Nos grupos, os estudantes elaboraram a tabulação das respostas, de acordo com a minha orientação. Após essa tarefa, leram e discutiram as respostas dadas pelos entrevistados. Nessa discussão, tiveram que organizar uma apresentação para o grande grupo a fim de explicar as perguntas feitas, as conclusões e as reflexões a partir dessa pesquisa. Surpreendi-me com o desempenho e o envolvimento de alunos que, muitas vezes, não realizavam as atividades propostas nas aulas de matemática. Esses alunos que geralmente ficavam “de fora” do contexto das minhas aulas, envolveram-se de tal forma que foram eles que explicaram para aqueles colegas, tidos como os melhores da sala em matemática, como deveriam organizar a tabela com as respostas da pesquisa.

Isso me levou a refletir o quanto não oportunizava, em minhas aulas, outras formas de conceber a matemática e, muito menos, colocava sob suspeição a matemática escolar que determinava quem era “bom” ou “fraco” na disciplina. Nesse sentido, a experiência pedagógica que desenvolvi pode ser pensada de modo similar ao que Knijnik (2004) escreveu em relação a um estudo que realizou com jovens e adultos do meio rural. A autora diz que tal estudo tratou, “de um certo modo, de problematizar o tecido curricular ‘domesticado’ ao longo da história da civilização ocidental, buscando entender as repercussões desta ‘profanação do sagrado’ da matemática escolar” (IBIDEM, p.11).

A “profanação do sagrado” que busquei praticar nas aulas de matemática produziu desconforto entre os estudantes. Ouvi de alguns alunos que estavam gostando do trabalho porque não estavam estudando matemática, enquanto uma aluna comentou: “*estamos estudando, sim, matemática*”. A aluna mostrou que a tabela organizada pelos grupos, contendo os dados da pesquisa, possibilitava que fossem localizadas as respostas de cada pessoa entrevistada. Essa aluna comentou sobre a “matematicidade” da tabela, dizendo que tinha participado da “Olimpíada de Matemática” promovida pelo MEC e uma das questões da prova envolvia a interpretação de uma tabela com duas entradas. Essa idéia de que se não houver números e cálculos tradicionalmente trabalhados no currículo escolar não é considerado aula de matemática estava fortemente presente entre os alunos.

Organizei as apresentações dos resultados da pesquisa realizada pelos grupos na comunidade, determinando o tempo disponibilizado para cada apresentação e combinando com

os alunos que os questionamentos, por parte daqueles que estavam assistindo, poderiam ser feitos durante as apresentações.

Observei que a discriminação racial esteve muito presente nas narrativas produzidas durante as atividades propostas. A minha vontade, como professora, de educá-los para não serem mais racistas devido à discriminação que presenciava constantemente na sala de aula, fez com que também elaborasse atividades que acabassem por possibilitar essa discussão em torno da discriminação racial e não sobre o que havia inicialmente delineado, envolvendo a diferença cultural e o negro.

Após a conclusão das apresentações, que se estenderam cerca de 10 horas/aula, retomei o trabalho com os textos pesquisados na internet. Nesses textos, tinha observado que apareciam questões envolvendo a discriminação racial do negro no mercado de trabalho, na sociedade, sobre aspectos da cultura africana, sobre o ingresso do negro nas universidades, enfim, vários assuntos ligados à discriminação racial. De posse desses textos, os alunos reuniram-se em pequenos grupos e conversaram sobre o que tinham pesquisado. Durante essa atividade, em cada grupo havia um gravador sobre a mesa, que ficou ligado.

Após essa discussão, cada aluno destacou no seu texto o que “de matemática” aparecia e que, se estudado, ajudaria a compreendê-lo melhor. Os estudantes começaram a notar que os números que mais apareciam eram relacionados à porcentagem. Interessada, como professora, em trabalhar sobre esse conteúdo com os alunos, perguntei se eles sabiam o que significavam aqueles valores que estavam expressos nos textos. Somente dois disseram que sabiam lidar com esses números e o que eles significavam.

Assim, organizei atividades fazendo uso da calculadora e de cálculos orais. Após essa etapa do trabalho, fiz recortes de alguns textos que os alunos haviam pesquisado na internet, nos quais apareciam vários dados estatísticos através de percentuais e solicitei que substituíssem esses dados por outra expressão matemática que possibilitasse um melhor entendimento do texto e uma melhor noção das quantidades e dos valores que estavam ali expressos.

Nessa atividade o meu ser professora esteve muito mais presente do que minha posição de pesquisadora. Dei-me conta de que estava interessada “mesmo” era que meus alunos aprendessem “matemática”. Tive que, constantemente, fazer o exercício de mudar de posição, mudando o rumo da atividade, propiciando que os alunos falassem mais sobre as questões sobre o negro e a discriminação racial que estavam no texto. Nesse sentido, percebi que ao fazer os

alunos entenderem melhor o que o texto abordava, fazia, ao mesmo tempo, que operassem com os conceitos matemáticos estudados. Essa atividade durou algumas aulas, justamente pelos arranjos que fui realizando, a partir dos deslocamentos entre a professora e a pesquisadora que ali estavam.

Observei, na hora do recreio, que os alunos comentavam muito com os outros colegas da escola sobre o que estavam estudando nas aulas de matemática. Eles expressaram seu desejo de relatar para outras turmas o que estavam trabalhando. Decidimos, então, que iríamos fazer uma apresentação para a outra 6ª série da escola. Assim, foi organizado um encontro, no qual um grupo de alunos da turma conduziu as atividades, contando o que realizaram nas aulas de matemática e fizeram uma discussão sobre a discriminação racial. A apresentação foi feita em lâminas, com auxílio do retroprojetor. Foram realizados vários ensaios, pois os alunos não estavam habituados a apresentar trabalhos com a utilização desse recurso.

Através dessa apresentação muitos alunos puderam falar sobre essas questões culturais que, por muitas vezes, ficavam silenciadas na escola. Eu, como professora, pude perceber, cada vez mais, que as aulas de matemática não ensinam apenas os conteúdos pré-estabelecidos na grade curricular. Nessas aulas são ensinadas muitas outras coisas, indo além dos meros conteúdos.

Apesar de já ter sido produzido um material de pesquisa bastante rico, avaliei que seria importante realizar uma atividade que concluísse o trabalho pedagógico, acrescentando mais narrativas sobre o negro e a discriminação racial. Desse modo, decidi exibir um episódio do seriado “Malhação”, da rede GLOBO com duração de 15 minutos, que abordava uma situação de discriminação racial. A partir dessa exibição, realizei um debate entre os alunos.

Essas atividades que acima relatei possibilitaram que fossem produzidas narrativas sobre o negro e a discriminação racial durante a experiência pedagógica. Tais narrativas estão “recheadas” de questões que me possibilitam diferentes leituras. No entanto, tive que fazer escolhas teóricas para determinar o que analisaria na dissertação, o que abre possibilidades para que outras análises sejam feitas posteriormente.

De certa forma, este trabalho fez com que meu jeito de ver o mundo fosse modificado e, também, propiciou-me que problematizasse a mim mesma. Fui colocada em xeque o tempo todo durante estes dois anos de mestrado, pois a todo instante eram desconstruídas certezas que faziam parte de mim. Por isso, o caminho percorrido até aqui fez-me acreditar que haverá sempre novos

desafios para esta professora/pesquisadora que está disposta a seguir repensando-se e produzindo novos sentidos para sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FABRÍS, Elí T. Henn. **Cinema e educação**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARB, Paulo (orgs.). *Redes culturais, diversidades e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 119-121.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

KNIJNIK, Gelsa. **Currículo, cultura e saberes na educação matemática de jovens e adultos: um estudo sobre a matemática oral camponesa**. In: V ANPESUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2004. Disponível em CD-ROOM.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: GERALDI, C.M.; RIOLFI, C. R.; GARCIA, M. F. (org.). *Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.